

## DISCURSO DE POSSE DE

**Sylvio Piza Pedroza**

Senhores Acadêmicos:

É a terceira vez que compareço, em caráter solene, à vossa presença. A primeira, em 1956, às vésperas de deixar o Governo, quando quisestes testemunhar apreço ao conterrâneo, que administrando o Estado havia cumprido seu dever apoiando a cultura potiguar. Vosso intérprete foi Otto Guerra, e recebi na ocasião, o título de sócio honorário.

A segunda, foi em 1984, por ocasião do lançamento do livro "Pensamento e Ação", editado pela Fundação José Augusto, que retrata minha vida política. Falou em vosso nome o meu querido amigo Veríssimo de Mello. Agora, mercê de vossa generosidade, vim para ficar. Para integrar-me de vez no convívio dos mais altos expoentes da inteligência do Rio Grande do Norte, guardiões e continuadores do imenso patrimônio de cultura, de que se orgulha a nossa terra. Esta, como dizia Machado de Assis, é a glória que fica, eleva e consola. Em momento que deveria ser apenas de alegria, não posso deixar, no entanto, de registrar a tristeza da perda, em poucos meses, de companheiros que tanto contribuíram em vida para o brilho da Academia.

Os falecimentos de Manoel Rodrigues de Mello, Américo de Oliveira Costa, Otto Guerra, Antonio Soares e, o mais moço de todos, Veríssimo de Mello, foram rudes golpes, que temos de assimilar pois nenhum de nós tem o direito de não prosseguir nos caminhos a nós traçados pelo destino. Curvemo-nos, portanto, ante os misteriosos desígnios da fatalidade, que abateram estes gigantes da cultura potiguar, cujo pensamento e inteligência tantas vezes ilustraram este recinto. Resta-nos permanecer fiéis ao culto e à memória destes amigos queridos, que se foram. Assim o faremos.

### **O PATRONO**

Cumprindo o protocolo, devo falar sobre o patrono da cadeira número 1, que tenho a honra de ocupar. Miguel Joaquim de Almeida e Castro - Padre Miguelinho - protagonista de um dos momentos mais importantes nas lutas pela Independência do Brasil.

Nasceu em 17.09.1768, em Natal, no Bairro da Ribeira, em casa que ficava entre as atuais ruas Silva Jardim e Frei Miguelinho,

conforme constatou a missão encarregada pelo Instituto Histórico e Geográfico de fazer as verificações.

Aos dezesseis anos partia para o Recife, ingressando na ordem dos frades Carmelitas sob o nome de Frei Miguel de São Bonifácio. Mandado aperfeiçoar-se em Portugal, revelou, desde logo, inteligência muito acima da comum, e profundo interesse pelos problemas sociais e humanos do seu tempo. De volta à Pátria, lecionou no Seminário de Olinda onde fascinava os alunos com suas idéias renovadoras e progressistas.

Envolveu-se na revolução de março de 1817, que vitoriosa, constituiu o Governo da República de Pernambuco que, inclusive, enviou emissários à Europa e aos Estados Unidos, na busca do apoio internacional ao movimento. Miguelinho era Secretário de Interior da Nova República. A revolução se propagou às províncias da Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte, onde André de Albuquerque Maranhão instalou em Natal a chefia do Governo. A reação do governo português foi implacável, sob o comando do Conde dos Arcos e, já em maio, o Recife estava bloqueado pela esquadra comandada por Lord Cochrane e atacada por terra por tropas do exercito lusitano.

Preso, levado para julgamento na Bahia, Padre Miguelinho foi protagonista de um dos momentos mais altos vividos por norte-riograndense em qualquer tempo, quando respondendo perante o tribunal de sangue que devia julgá-lo, e interrogado pelo Conde dos Arcos que insinuava, como maneira de salvá-lo, que talvez não fossem suas as assinaturas apostas no documento da revolução.

“Não, diz Miguelinho com altivez, esta firma que aí se lê é minha, e do meu próprio punho a tracei”. Horas depois era arcabuzado.

O quadro de Antonio Parreira, exposto no salão nobre do Palácio Potengi, fixa este momento de afirmação e grandeza. E, em 1984, Dorian Gray com seu talento renovador retrata o mural existente no prédio da Assembléia Legislativa do Estado, os episódios da Conspiração, Captura e Processo da Condenação do Padre Miguelinho, legando-nos, ainda, um poema heróico sobre o mártir, dos mais belos já escritos em nossa terra.

## **LEMBRANDO RAIMUNDO NONATO**

Em obediência ao rito acadêmico, cabe-me focalizar meu antecessor imediato, Raimundo Nonato. Faço-o com satisfação, não só por se tratar de amigo querido, como por sua personalidade, que evoluindo do nascimento em família humilde, na Serra dos Martins, e passando pelos estudos em Mossoró, tornou-o expoente admirado e

respeitado da cultura potiguar, no qual se alinham os atributos de educador e historiador, com incursões na política e no jornalismo.

Em todos os setores onde atuou deixou Raimundo Nonato traço de honestidade intelectual e de cultural característico de toda uma vida de trabalho, iniciada modestamente na burocracia, e posteriormente estendida à cátedra, à judicatura e às funções públicas.

Vale a pena transcrever o depoimento de Peregrino Júnior, que afirmava:

*“É esse Raimundo Nonato, presença humana, viva, palpitante e incomparável do nosso Rio Grande do Norte, no cenário cultural do Rio, onde todos o estimamos e admiramos com imensa ternura intelectual.”*

E Sanderson Negreiros, assim o definiu magistralmente:

“Causeur admirável, figura humana que impressiona pela vitalidade e inquietação existencial; memória fotográfica e periespiritual de tudo que viu, sofreu, amou e viveu; fixador paciente de nossa sociologia regional; didata e autodidata das melhores passagens do cotidiano; verve voraz e perspicaz; poeta contador de história e animal bravo perdido na selva carioca; guardião de auroras e também de crepúsculos, incapaz de odiar e voltado para os temas que esgotam o filosofar.”

Guardo até hoje o oferecimento carinhoso que me fez em 1952 de seu livro “Roteiro da Zona Oeste” onde afirma que “estuda os traços da vida de uma região castigada, esquecida, onde a gente supera o meio, por um estranho fenômeno de resistência, de estoicismo e de sobrevivência ao infortúnio.

Sua permanência no Rio de Janeiro não secou as raízes afetivas e culturais que o prendiam ao Rio Grande do Norte. Ao contrário, parece que a terra natal, que nelas vinha presa, trazia em seus torções a inspiração que o levou a produzir tantos documentos históricos, que ilustram nossa memorialística.

Pesquisador incansável, perlustrou vidas como as de Nísia Floresta, de D. Manoel de Assis, de Amaro Cavalcanti, de Henrique Castriciano, ao lado de feitos heróicos, como entre outros, a Revolução de 1817 e a Guerra do Paraguai.

Curvo-me respeitoso e comovido ante a memória desse conterrâneo ilustre a quem sucedo mas não substituo, nesta cadeira que ele tanto dignificou.

## **PANORAMA DA CULTURA POTIGUAR**

Peço vênias para repetir a breve digressão que fiz perante esta Academia em 1984, sobre o panorama da cultura potiguar neste sé-

culo. Evidentemente, não ousaria, pelo risco da omissão involuntária, citar os valores contemporâneos, que tão alto mantêm as tradições de cultura que consagraram nossa província na admiração e no respeito do país, tantos deles presentes neste recinto. Permito-me, no entanto, volver os olhos para um passado não tão distante, do fim do século XIX e início do atual até os dias de hoje; ressaltando vultos da maior eminência, que transcenderam os limites provinciais para se projetar luminosamente no cenário cultural e político do Brasil.

Lembro, em primeiro lugar, Pedro Velho. Abolicionista, republicano, jornalista, tribuno, Governador do Estado, terá sido o primeiro e grande expoente entre os políticos e governantes intelectuais, voltados tanto para a causas pública quanto para os problemas da inteligência. Todas as facetas nele se combinavam, para corporificar a figura singular do chefe incontestado.

Pedro Velho foi contemporâneo de gigantes como o caicoense Amaro Cavalcanti, Deputado e Senador, Embaixador, Prefeito do Distrito Federal, Ministro da Justiça, Ministro do Supremo Tribunal. E ainda Tavares de Lira, cuja trajetória o conduziu de Professor do Atheneu a Governador e Senador, a Ministro da Viação e Obras Públicas e Ministro do Tribunal de Contas da União. Figura poliforme de político, administrador, jurista e historiador, a ele devemos a primeira "História do Rio Grande do Norte". Ferreira Chaves, magistrado, Senador, Governador, Ministro da Marinha e Justiça. Tobias Monteiro, jornalista, e um dos maiores historiadores brasileiros. Almino Afonso, professor, magistrado, tribuno aclamado. Antonio José de Melo e Souza, jornalista, Senador, Governador, romancista sob o pseudônimo de Policarpo Feitosa. E o grande Alberto Maranhão, jornalista, Deputado Federal, duas vezes Governador, figura humana incomparável, patrono das artes e da cultura do seu Estado, que tardou em consagrar e fazer a justiça merecida ao Mecenaz Potiguar.

Discipulo desta notável escola de estadistas e intelectuais, imbuídos de idêntico espírito público, e igualmente voltados para as causas da cultura, foram três membros desta Academia: Eloi de Souza, Juvenal Lamartine e José Augusto. Tive o privilégio de com eles ainda conviver, recebendo dos dois últimos o então jovem Governador as lições de sua experiência e o estímulo dos seus conselhos.

A vida intelectual do Rio Grande do Norte viveu, na época em referência, momentos de grandeza e projeção. Lembro de Nísia Floresta Brasileira Augusta, nascida em Papari, o mais notável vulto feminino das letras brasileiras, cuja vida extraordinária em dois continentes a consagrou como personalidade universal. Em setembro de 1954, quando no Governo do Estado, tive a honra de receber seus restos mortais que o Governo brasileiro mandou buscar na França, no

Cemitério de Rouen, onde havia sido enterrada. Enviados para o município que hoje tem seu nome, foram depositados numa das dependências da Igreja Matriz. Posteriormente, na Presidência de Manoel Rodrigues de Melo, a Academia construiu-lhe o túmulo definitivo no sítio Floresta, onde hoje repousa.

Por outro lado, Auta de Souza, sem sair de sua Macaíba, e limitada pelos problemas de saúde, que tornaram tão efêmera sua vida, deixava na poesia do "Horto" os versos simples, místicos e doloridos, que a consagraram entre os maiores poetas brasileiros de todos os tempos.

Aliás, grandes poetas nunca nos faltaram, sob a inspiração dos nossos mares, das nossas praias, e da paisagem agreste e rude dos nossos sertões.

Destacamos alguns dos mais representativos: Henrique Castriano, culto, viajado, presente em todos os movimentos intelectuais de nossa terra, e que legou a Natal um dos seus símbolos: a Escola Doméstica. Ferreira Itajuba e Gotardo Neto, boêmios a esbanjar talento, em poemas que traduziam sonhos irrealizados. Juvenal Antunes, outro boêmio, sarcástico e irreverente, escrevendo em prosa e em verso, algumas das páginas mais belas e inteligentes aqui já produzidas. Segundo Walderley, ao contrário de outros, viu-se consagrado em vida desde a publicação de "Estrelas Cadentes". Começando como romântico, provavelmente pela influência de seus estudos na Bahia, alçou-se depois ao condoreirismo, de que Castro Alves era o expoente maior.

Guardo como um dos pontos altos de minha passagem pelo Governo o instante emocional em que, uma hora antes de transmitir o cargo ao meu sucessor, entreguei à viúva de Walderley a terceira edição de suas poesias completas, publicadas pelo Estado. É de justiça recordar que coube à Academia Norte-Rio-Grandense de Letras orientar e dirigir essa edição.

Desejaria que me permitissem evocar de maneira especial o grande poeta, cuja amizade tive a felicidade de merecer através de íntima convivência - Otoniel Menezes, cantor de nossos mares e de nossos sertões, poeta do "Germem" e do "Sertão de Espinho e de Flor", este último no dizer de Mauro Mota "o maior canto que os sertões nordestinos já inspiraram".

Entre tantos outros grandes poetas, que poderia ainda mencionar, destaco Isabel Gondim, Jorge Fernandes, Lourival Açucena, Antonio Soares, Edinor Avelino, Carolina e Palmyra Wanderley, Virgílio Trindade, Ezequiel Wanderley, Berilo Wanderley e Myriam Coeli.

Gostaria de fazer referência especial a Zila Mamede:

A primeira vez que ouvi falar em Zila, foi através de Antônio Pinto de Medeiros, cuja memória espera, ainda, a justiça que merece. Não só pelo valor do poeta e do jornalista, mas, principalmente, por seu interesse na divulgação de obras literárias à frente do Departamento de Imprensa, no meu governo, quando efetivamente demos cumprimento à lei Alberto Maranhão, publicando mais de 50 livros de autores norte-rio-grandenses.

Falou-me Antônio Pinto de uma jovem poeta, que na sua opinião escrevia versos de notável inspiração e força lírica. Perguntei-lhe se já havia material suficiente para confecção de um livro. Daí, surgiu “Rosa de Pedra”, publicado em 1953. Antônio Pinto tinha razão. Era uma revelação de extraordinário vigor, e justiça não tardou a lhe ser feita. Primeiro no Recife, com o depoimento de Mauro Mota e, finalmente, no centro cultural do País, no Rio de Janeiro, quando nada menos que Manoel Bandeira e Carlos Drumont de Andrade, afirmaram enfaticamente que estavam diante de uma das maiores poetisas brasileiras de todos os tempos.

Amiga de Luiz da Câmara Cascudo, Zila ainda achou tempo para tornar-se pesquisadora e publicar o magnífico e apaixonante estudo sobre os 50 anos de vida intelectual do mestre.

Apesar da diferença de idades, fomos amigos enquanto viveu. Enviava-me poemas inéditos, ainda manuscritos, como fez com “Os bois dormindo”, dos melhores que escreveu.

Alguns dos mais belos versos de Zila, referem-se ao mar, que só conheceu aos doze anos de idade, e pelo qual tinha verdadeira obsessão. Na belíssima “Canção do Sonho Oceânico”, diz a certa altura:

Vinde, amados oceanos,  
beijai meus olhos beijai  
soltai-me de vãos navios,  
deixai-me pura, vagar:  
eu só quero a liberdade  
para nela me afogar.

E foi o mar que veio reclamá-la para sempre, no triste dia 12 de dezembro de 1985.

É sempre arriscado falar dos vivos, mas não temo dizer que Marize Castro e Diva Cunha possuem inspiração e talento de sobre, para manter a tradição de nossa província de produzir sempre grandes e inspirados poetas.

Mas para orgulho nosso, não apenas com nomes de grandes homens públicos e de poetas brilham as páginas da história intelectual do Rio Grande do Norte.

No Romance há que destacar Aurélio Pinheiro com seu consagrado "Macau".

Em outros segmentos da vida espiritual podemos lembrar muitos amigos queridos, que o foram também de todos os que aqui estão, e cuja memória paira ainda sobre esta Casa, que tanto honraram: Edgar Barbosa, mestre do nosso jornalismo, estilista, figura humana admirável, definida por José Augusto como "o historiador de nosso civismo"; Hélio Galvão, o jurista e sociólogo do "Mutirão do Nordeste" e das "Cartas da Praia", revelando também em sua "História da Fortaleza da Barra do Rio Grande", pesquisador e historiador, que o colocam como digno continuador de Manoel Ferreira Nóbrega, Rodolfo Garcia, José Moreira Brandão Castelo Branco, Nestor Lima, Vicente de Lemos, Felipe Guerra e Aduino Câmara.

Recordo ainda Nilo Pereira que foi, no dizer de Veríssimo de Mello, o humanista integral. Nascido em Ceará Mirim, radicou-se no Recife, onde exerceu carreira de jornalista mantendo coluna diária no "Jornal do Comércio". Ocupou cargos políticos, sendo eleito deputado estadual e várias vezes Secretário de Estado.

Estilista, conferencista e professor universitário, sua obra literária, constituída por dezenas de livros, foi marcada pelo amor ao Nordeste e principalmente ao Rio Grande do Norte, e às suas origens no Ceará Mirim, das quais nunca se desligou.

Amigo e confidente de Cascudo teve a satisfação de convidá-lo várias vezes para proferir conferências em Natal. Uma de suas últimas obras foi a biografia de José Augusto.

Devo citar, ainda, dois eminentes médicos norte-rio-grandenses também homens de cultura e notáveis realizações; Januário Cicco, que sem jamais ocupar cargos públicos, conduzido principalmente por seu idealismo, transpôs todos os obstáculos para legar-nos o Hospital das Clínicas e a Maternidade; que tem seu nome. Onofre Lopes, é outra figura admirável a quem tanto devem a medicina e a cultura em nosso Estado, quer na Universidade do Rio Grande do Norte da qual foi o grande artífice e impulsionador, quer nesta Academia, quer no Conselho Estadual de Cultura.

Ressalto, como dever de justiça, que a atividade cultural do Rio Grande do Norte recebeu a partir da década de 60, dois notáveis instrumentos propulsores.

Além da Universidade - a que se deve grandes mudanças no panorama da criação literária, artística e científica, como centro natural de expansão do ensino da pesquisa e dos valores espirituais da comunidade - é imperioso mencionar a Fundação José Augusto, criada no fecundo Governo do nosso confrade Aluísio Alves, em 1965. Ela institucionalizou a ação do Estado no apoio às artes e à cultura

em todos os seus aspectos. Sua atuação se tem desenvolvido com exemplar devotamento e isenção, tornando-a credora do respeito e da admiração de todos.

Que me seja relevada a audácia desta digressão, onde apenas afloremos superficialmente o vasto campo da cultura, de que sois legítimos representantes.

## **LUÍS DA CÂMARA CASCUDO**

Nenhuma exposição sobre meu relacionamento com a cultura potiguar seria sincera e honesta sem falar de Luís da Câmara Cascudo. Voltaire afirmava que “a amizade de um grande homem é benefício dos deuses”.

Eu tive este privilégio.

Tudo começou quando voltei à minha terra, nos idos dos anos 40. Foi decisão pessoal, aparentemente inexplicável, que surpreendeu a sociedade na qual convivia no Rio de Janeiro. Casado, recém-formado em Direito, destacando-me na prática do tênis e do pólo, parecia ter à frente, na então capital do País, vida marcada pelo sucesso. Tudo, porém, de repente, passava a dar-me a impressão do vazio. Parecia-me estar vivendo fora do ambiente ao qual realmente pertencia. E voltar ao Rio Grande do Norte se impôs como solução, que adotei como movido por força irresistível. Tinha 24 anos, e considero a decisão como a mais acertada da minha vida. Ao deixar o Estado, 14 anos depois, após servir à terra e à gente como Prefeito de Natal, Deputado, Presidente da Assembléia Legislativa, Vice-Governador e Governador, - podia considerar cumprido meu destino. O resto chegou por acréscimo, como dizem as Escrituras. A parte importante, a parte real, porém, vinha comigo, na lembrança inapagável dos dias idos e vividos, das alegrias e dissabores. De algumas incompreensões, mas de muitas amizades, cimentadas no cotidiano do serviço público e no convívio dos conterrâneos, que me abriam suas portas e seu coração.

Logo depois de chegar a Natal, veio-me às mãos um dos primeiros livros de Cascudo - “Histórias que o Tempo Leva” escrito em 1924, aos 24 anos de idade. Dele recorro, até hoje, o conto “As Lágrimas do Capitão-Mor”, rolando dos olhos de Pedro Mendes de Gouveia, Comandante do Forte dos Reis Magos, em 8 de dezembro de 1633, ao ver subir ao mastro do forte conquistado a bandeira da Holanda. Quis conhecer o historiador.



## PRIMEIRO ENCONTRO

Recordo até hoje, com emoção, o primeiro encontro, quando a diferença de nossas idades se media por vinte anos. Recebeu-me como se nos tivéssemos encontrado na véspera.

Falou-me de meu Pai, de quem tinha sido amigo, e de meu avô Fabrício Pedroza - Fabrício Moço - Intendente de Natal, cunhado de Pedro Velho. Relembrou o entrelaçamento dos Pedroza com os Albuquerque Maranhão.

Fez com que me sentisse consciente de ter nas veias o sangue daqueles pró-homens da história potiguar, de Augusto Severo, do grande Alberto Maranhão - o Mecenaz, com o qual futuras comparações tanto me orgulhariam. Foi encontro marcante, único, definitivo. E nunca mais deixei de conviver com Cascudo.

Com ele, aprendi ser o folclore fonte inesgotável de exaltação da história do povo, de suas artes plásticas, de sua música, acompanhando o desenvolvimento da atividade coletiva.

Percebi como era possível e lógico sentir-se tradicionalista dentro da sua época, sem abjurar o conforto e sem esquecer o progresso diário e as conquistas tecnológicas.

Com Cascudo, senti que o Brasil precisava manter sua fisionomia nacional baseada na cultura popular, sem descurar ou diminuir a divulgação da cultura geral, nos sentidos universitário e universal do termo.

Sempre achei que devíamos sentir o povo, não como a entidade abstrata, luminosa, que aparece na retórica das praças e dos parlamentos, mas como elemento humano, real e imediato, na sua trajetória cotidiana, nos seus sonhos, nas suas alegrias, nas suas amarguras, nas suas esperanças.

Quando Prefeito de Natal participei em 1948 de um Congresso de História na Cidade de San Juan, capital de Porto Rico. Uma das recomendações finais do encontro foi de que fosse cultivada a memória das cidades capitais do continente Latino-Americano e nelas se nomeasse um historiador oficial.

Em meu regresso assinei decreto que criava o cargo de Historiador da Cidade de Natal, e nomeava Luís da Câmara Cascudo para exercê-lo em função honorífica e gratuita.

Em 1947 encomendei a Cascudo a História da Cidade do Natal, com a 1ª edição empreendida pela própria Prefeitura. Tornou-se um clássico do gênero. Segunda edição foi publicada pela Editora Civilização Brasileira, em 1980, também já esgotada.

Ênio Silveira assinala no prefácio da 2ª edição que o historiador e o poeta estavam juntos, inseparáveis nessa crônica de amor e bem querer.

Já no Governo do Estado em 54, solicitei a Cascudo escrever a História do Rio Grande do Norte. Eram decorridos mais de 30 anos do livro de Tavares de Lira e muito havia a acrescentar.

Entre as centenas de depoimentos sobre a vida e obra de Cascudo, escolhi dois para citar nesta ocasião.

Américo de Oliveira Costa no seu clássico "Viagem ao Universo de Luís da Câmara Cascudo", nos leva ao mundo do Mestre e o retrata com estilo impecável sob todos os aspectos, descrevendo com carinho e riqueza da personalidade e a universalidade da obra. Diógenes da Cunha Lima fez-lhe o retrato de corpo inteiro do livro "Câmara Cascudo, um brasileiro feliz", definindo-o, magistralmente, como o homem que fala a linguagem da sabedoria universal com sotaque nordestino.

Voltando a morar no Rio de Janeiro, jamais perdi contato com o Mestre. Em novembro de 1973, num destes fins de tarde, onde se acentuam o vazio e a solidão das grandes cidades, escrevi-lhe esta carta, que trago ao vosso conhecimento.

5/11/73

Cascudo, mestre e amigo querido

Acabo de ler o discurso, em que o Ministro Passarinho faz justiça consagrada à sua vida e obra.

Na verdade juntos, entre outras aventuras, procuramos o por-do-sol, fizemos discurso às estátuas silenciosas de nossa cidade de Natal em noites de luar, abandonamos por vezes, Você as labutas do escritor, e eu as hipocrisias, do gabinete do Governador para regermos e ouvirmos Beethoven. Defendemos o símbolo do Pelourinho, ou saímos à procura de marco histórico de São Roque. Percorremos anônimos e felizes os bairros populares para assistir aos folguedos da Náu Catarineta e do bumba-meu-boi. Estes e tantos outros momentos passados em sua companhia foram os mais autênticos e marcantes de minha vida. Sabe Você que o retorno ao Rio e o ingresso no mundo do negócios internacionais, constituem apenas alternativas de uma carreira, da qual o destino participa, muitas vezes soberana e caprichosamente. Na idade em que os anos começam a contar em dobro, sinto-me, no entanto, cada vez mais ligado às minhas origens, à terra e à gente à qual um dia procurei servir com humildade e orgulho. Sou realmente, e cada vez mais, o menino que voltou correndo de Londres para os moirões das porteiras, às praias de águas mornas, e ao dorso dos cavalos nas tardes viris das vaquejadas. Um dos

filhos de seu Fernando, pioneiro e idealista, plantador de indústria e cidades - nada mais quero ser -

E a Você, que é a própria terra, volto e voltarei sempre: em pensamento quando distante, ou subindo os degraus para bater à porta amiga - rever no vestíbulo a chave de historiador da Cidade de Natal e beijar a mão do mestre e pai.

Até breve.

Sylvio.

Acho não ser preciso acrescentar mais nenhum detalhe sobre nosso relacionamento.

Em solenidade realizada ontem à tarde, aproveitei o reencontro com a minha terra, que a Academia me proporcionou, para entregar ao Memorial Câmara Cascudo, construído pela iniciativa de nosso confrade, Paulo Macedo, toda a minha coleção de livros do Mestre, além de outros documentos que estavam em meu poder.

Acredito que este é o lugar certo para esta documentação, à disposição dos estudiosos de sua vida e de sua obra.

## **NATAL**

Gostaria de dizer duas palavras sobre a nossa cidade.

Eu não podia entender na década de 40 que Natal plantada sobre as dunas, entre o oceano e o Rio Potengi, vivesse de costas para o mar, afastada do seu fascínio. Havia acesso apenas a duas praias: a do Meio, ou do Morcego, a que se chegava por uma ladeira, e, a Areia Preta. Na margem esquerda do Potengi, a Redinha com único e precário acesso pelos velhos e líricos botes à vela, que saíam do Canto do Mangue. Isto mesmo apenas no período do verão, pois no resto do ano ficavam ignoradas como se esta não fosse a cidade ensolarada, aberta à carícia marítima em todas as estações. Por isso mesmo, quando o destino me conduziu em plena mocidade à Prefeitura, tive a preocupação obsessiva de integrar a cidade ao mar. Daí os planos no sentido de conquistar a região da Limpa, entre a praia do Meio e o Potengi.

A Avenida Circular fazia parte do plano de urbanização de Natal, preparado pelo engenheiro italiano Giacomo Palumbo, a pedido do então prefeito Omar O'Grady, no progressista governo de Juvenal Lamartine em 1930.

A construção da Avenida, feita com recursos da venda dos lotes à sua margem, teve sua primeira fase concluída em apenas cinco meses, e foi certamente a obra mais importante do meu período como

prefeito. Além da abertura de novas praias, ela uniu fisicamente a cidade ao monumento que é seu maior símbolo, o Forte dos Reis Magos, mudando radicalmente a mentalidade natalense, e coroando a vocação congênita de Natal de completa integração com o mar na glória de suas praias inigualáveis.

## GOVERNO DO ESTADO

Pela importância que atribuo a esta oportunidade de falar perante a elite intelectual de minha terra, desejaria, antes de terminar, reafirmar a filosofia moral e política que orientou meu comportamento à frente do Governo do Rio Grande do Norte.

Dirigindo-me aos conterrâneos, dizia-lhes, ao assumir a investidura, que em primeiro e altíssimo plano, colocávamos nosso dever perante os norte-rio-grandenses, com a consciência de que o exercício do mandato de Chefe de Estado, impunha responsabilidades acima das limitações e contingências das injunções partidárias.

Proclamávamos que o Governo jamais estaria alheio aos apelos marcados pelo signo superior das conveniências da coletividade. E que uma fronteira intransponível e sagrada sempre se elevaria frente ao Governador, quando na concorrência com os interesses de qualquer facção se colocassem os do bem comum.

Assegurávamos manter no estado ambiente de liberdade e garantias, alheio e imune o Governo às influências de qualquer natureza no respeito aos direitos e prerrogativas dos conterrâneos, sem distinções, e nem exceções.

Não seria fácil nem tranqüilo tal itinerário para quem, imbuído da dignidade dessas convicções, se dispunha intransigentemente a percorrê-lo. Não tínhamos dúvidas de que a estrada seria penosa, repleta de sacrifícios, dificuldades e decepções. Talvez a recompensa tenha vindo no fato de termos podido fazer, ao fim do Governo, sem sombra de contestação, a afirmativa:

“Desconhecem-se em território norte-rio-grandense quaisquer formas de perseguição ou coação.”

E agora, decorridos quase quarenta anos, as provas de carinho e de compreensão, que venho recebendo de todos os segmentos da nossa sociedade, representam o testemunho de que agindo de acordo com minhas convicções, e obedecendo aos ditames da consciência, trilhei o caminho certo.

Deve dizer que vejo na escolha do intérprete da Academia para me saudar, nova prova do vosso carinho. Disse Aristóteles, “entre amigos não há necessidade de fazer justiça”. Alvamar Furtado de Mendonça, figura humana admirável, representando o que existe de

melhor na cultura de nosso Estado, é mais que amigo. É participante e testemunha constante de minha vida e, principalmente, do meu relacionamento com nossa Província. Conhece como ninguém as forças telúricas que me prendem à terra, o orgulho de ter podido servi-la, as preocupações permanentes com seu desenvolvimento e a melhoria das condições de vida de sua gente obstinada e acolhedora, forte e generosa.

Sabe, Alvarado, que estou convencido, como Proust, de que as coisas construídas ao longo do caminho com dedicação e fé, permanecem indestrutíveis. Por isto também hoje estou aqui. Para em vosso convívio recuperar o tempo passado no Rio Grande do Norte, certamente o mais precioso de minha vida.

Senhor Presidente,

Ao deixar minha terra para percorrer os largos caminhos do mundo, despedi-me dos norte-rio-grandenses com palavras, com as quais gostaria de encerrar meu pronunciamento.

Dizia, então:

“Convivemos com os homens simples, artífices anônimos do nosso progresso e da nossa grandeza; com os vaqueiros nos campos largos e nos moirões das porteiras; com os pescadores, nas nossas praias inigualáveis, de volta das longas jornadas no mar; com os lavradores heróicos, tenazes no tamanho da terra tantas vezes ingrata, negando-se ao benefício das colheitas; com os mineradores, a arrancar das asperezas do solo novos elementos de riqueza e recuperação econômica; com os trabalhadores do sal e da carnaúba; com os criadores das belezas rústicas do artesanato popular e os operários das fábricas e usinas; com as expressões integrantes e propulsoras do comércio e indústria, e com os que constituem e representam nosso patrimônio de inteligência, arte e cultura.

“A todos encaramos como forças atuantes da terra, dentro de seus setores de profissão, trabalho e influência, cada qual significando parcela característica na composição moral, espiritual e material do complexo organismo do Estado. Jamais nenhum feles faltou com sua solidariedade ou sua ajuda, sempre que o Governo lhes pleiteou cooperação”.

“A seu serviço continuaremos - onde quer que estejamos, dentro ou fora de seu território, exercendo cargo público ou como simples particular, - a trabalhar para o seu progresso e sua grandeza, e a propagar as qualidades de sua gente obstinada e acolhedora, forte e generosa.”

Finalizando, resumiria em uma só frase toda esta longa digressão, com a qual, confiante em vossa amizade e compreensão, certamente coloquei à prova vossa paciência. E repetiria as palavras do

poeta seiscentista português Antônio Ferreira, citado por Cascudo na introdução da História do Rio Grande do Norte.

“Eu desta glória só fico contente, que a minha terra amei e a minha gente.”.

Natal, Outubro de 1996